

ANTIRRACISMO NA EDUCAÇÃO: relato de experiência com projeto de iniciação científica na educação básica

*Anti-racism in education:
experience report with basic education scientific initiation project*

Viviane dos Reis Soares¹
Francisco Evangelista²

Resumo: O presente relato narra a experiência de um projeto de iniciação científica voltado para a educação antirracista. A pesquisa, que deu origem a este relato, foi realizada através do programa ICEB (Iniciação Científica na Educação Básica), promovido pela Secretaria Estadual de Educação de Minas Gerais, e desenvolvida com estudantes do Ensino Médio. Uma resposta à necessidade da promoção de atividades antirracistas na sociedade especialmente nas instituições educacionais, onde a temática é frequentemente abordada apenas de forma pontual. O principal objetivo foi resgatar a memória de pessoas mais velhas da comunidade sob a perspectiva do racismo e, a partir das experiências coletadas, promover um diálogo com as novas gerações nas escolas da cidade de Oliveira, MG. Pretendeu-se também que esse diálogo fomentasse uma maior abertura nas escolas para tratar do racismo possibilitando que a juventude se percebesse como sujeitos importantes e necessários no fortalecimento da identidade negra e do movimento

¹ Doutoranda em educação pelo PPGEduCS/UNIVAS. vivreissoares@gmail.com Link do lattes: <http://lattes.cnpq.br/4653508443303756>

² Professor permanente do PPGEduCS/UNIVAS. franciscoe@univas.edu.br Link do lattes: <http://lattes.cnpq.br/3365546609543722>

antirracista. Constatou-se que dar voz às experiências ancestrais e coloca-las em diálogos com a juventude é uma alternativa eficaz para o combate ao racismo em nossa sociedade.

Palavras-chave: antirracismo, iniciação científica, educação básica.

Abstract: The present account narrates the experience of a scientific initiation project focused on anti-racist education. The research, which gave rise to this account, was conducted through the ICEB (Scientific Initiation in Basic Education) program, promoted by the State Department of Education of Minas Gerais, and developed with high school students. This project responds to the need for promoting anti-racist activities in society, especially in educational institutions, where the topic is often addressed only sporadically. The main objective was to recover the memory of older people in the community from the perspective of racism and, based on the experiences collected, promote a dialogue with the new generations in the schools of Oliveira, MG. It was also intended that this dialogue would foster greater openness in schools to address racism, enabling the youth to perceive themselves as important and necessary subjects in strengthening black identity and the anti-racist movement. It was found that giving voice to ancestral experiences and placing them in dialogue with the youth is an effective alternative for combating racism in our society.

Keywords: anti-racism, scientific initiation, basic education.

INTRODUÇÃO

O presente relatório é fruto do desenvolvimento do projeto “Memórias ancestrais e diálogos no presente: a importância da valorização da memória para a afirmação da identidade negra e luta

antirracista em nossa sociedade". A pesquisa, desenvolvida por estudantes do Ensino Médio da Escola Estadual Professor Pinheiro Campos, da cidade de Oliveira MG, reflete importantes e urgentes demandas sociais: falar sobre o racismo, reconhecer sua existência, entendê-lo enquanto empecilho para o exercício da cidadania³ e promover, por meio de ações afirmativas, contínuas, coletivas e emancipatórias, a alteração de nossa realidade.

Quando falamos de combate ao racismo, de movimento antirracista e de pautas democratizantes em se tratando de relações étnico raciais, o setor educacional, em especial as escolas, costumam ser reconhecidos como um importante lugar para levar o debate e provocar uma mudança no cenário brasileiro no qual as relações se estruturam de forma racista. Contudo, a identificação da escola enquanto lugar privilegiado para tratar da temática e para promover uma alteração substancial nessa realidade deve partir da reflexão de que a escola também é local de reprodução do racismo.

Como esperar o combate ao racismo em instituições onde salas de aula são organizadas de forma que as primeiras salas sejam majoritariamente de estudantes brancos e as últimas salas de pretos e pardos? Como fazer a mudança partindo de uma instituição em que os desfiles cívicos trazem como protagonistas, balizas, guarda-bandeiras e demais destaques, estudantes não negros? De que forma a escola, que só trata de racismo no dia 20 de novembro, e inclui para isso junto aos docentes a justificativa de que é obrigatório fazê-lo, pode de fato reconhecer o racismo presente em suas relações, reorganizar as suas práticas em relação à causa e, assim, provocar transformações?

³ Como nos aponta José Murilo de Carvalho em sua obra "Cidadania no Brasil: o longo caminho (2012)

A naturalização e até mesmo o não reconhecimento da existência do racismo é um grande empecilho para uma conscientização e mudança de práxis tendo em vista uma ação pedagógica em favor da igualdade racial e social. Quebrar esse círculo de perpetuação do racismo e de reprodução de antigas práticas e narrativas requer um processo de apropriação, reflexão e de produção do conhecimento de forma a envolver toda a comunidade escolar a fim de leva-la a tornar esse movimento, uma ação perene nas escolas e na sociedade como um todo.

Nesse sentido, o projeto “Memórias ancestrais e diálogos no presente” surgiu como resposta à problemática do racismo profundamente enraizado em nossa sociedade e, por consequência, replicado em nossas instituições de ensino. Em um contexto em que a necessidade de abordar o racismo, questionar o mito da democracia racial no Brasil e ampliar a representatividade de vozes variadas na sociedade se torna necessário, esta iniciativa se propôs a explorar a possibilidade de, ao resgatar as experiências de nossos ancestrais, estabelecer diálogos e reflexões sobre novas práticas e, assim, impulsionar movimentos antirracistas dentro e fora da escola.

1. METODOLOGIA DE TRABALHO

Para o desenvolvimento das ações do projeto realizamos pesquisas de abordagem qualitativa e quantitativa. Foram realizadas atividades de campo por meio de pesquisa de opinião, pesquisa com fontes orais além da realização de eventos para diálogos entre estudantes, professores e membros da comunidade a respeito dos temas motivadores do projeto.

O objetivo do formulário com pesquisa de opinião foi descobrir quais as lacunas sobre o tratamento da temática antirracista nas escolas,

como as pessoas lidam com o racismo e as dificuldades das pessoas em tratar do assunto e reconhecer a sociedade como racista. Professores e estudantes responderam as questões e tiveram oportunidade de fazerem sugestões que foram aproveitadas como orientação para as ações do projeto.

Para que de que fato a coleta de dados pelos formulários pudessem orientar as nossas ações, oferecemos um espaço para que as pessoas fizessem sugestões, depoimentos e avaliassem a relevância do projeto. Os depoimentos foram importantes para reconhecermos que ainda há muitos silenciamentos e grande urgência em se tratar do assunto nas escolas. As sugestões guiaram ações mais precisas dentro do nosso projeto e as avaliações, positivas em sua maioria, foram importantes estímulos para a continuidade do nosso trabalho.

Pensando o combate ao racismo como um dos desafios mais complexos da sociedade atual, a presente pesquisa teve como um de seus objetivos possibilitar um diálogo entre pessoas mais experientes da sociedade com os mais jovens buscando assim, por meio da troca de informações criar alternativas para lidar com o racismo e favorecer o fortalecimento da identidade afrodescendente. Esse diálogo foi promovido com pessoas que precisaram lidar com o racismo num momento que o acesso às informações era mais restrito e que, por esta razão, tiveram que desenvolver meios de enfrentar as adversidades colocadas pela sociedade e hoje têm muito a transmitir aos mais jovens. Como bem afirma Peter Burke, ainda que hoje tenhamos diversificados meios de comunicação a forma mais eficaz de disseminar o conhecimento é o encontro entre os indivíduos, pois “as ideias circulam

por aí dentro das pessoas”⁴. Walter Benjamin, também nos apresenta a importância da narrativa e da escuta como forma de aprendizado: "conforme vivemos, desenvolvemos saberes e ao narrá-los construímos uma conjuntura experiencial que provê amparo ao outro e a nós mesmos". (Benjamin, 1985)

Visando conhecer essas ideias e disseminá-las entre os estudantes, entrevistamos quatro pessoas: Paulo Silva aposentado que trabalhou no comércio oliveirense por mais de 30 anos tendo sido “apadrinhado” por uma família branca para quem ele prestou serviços, o que lhe permitiu acesso aos estudos e sua esposa Dona Aparecida também participou da entrevista. Além de experientes e ativistas eles são pais de quatro mulheres que fundaram há 12 anos o coletivo “Encontro de Cultura-Afro Oliveira” que realiza um importante trabalho em nossa sociedade; Jailson Salvador, padre, psicanalista e ativista da causa antirracista na cidade que, a despeito da condição socioeconômica em sua infância e adolescência, estruturou sua vida acadêmica e hoje usa seu trabalho em favor do fortalecimento de outros jovens em busca desenvolvimento pessoal e profissional; Juliana Aparecida Benedita, mais conhecida como Afrodite, mãe de santo, responsável por um centro de Umbanda na cidade de Oliveira MG e atuante pela causa antirracista na cidade; Rafaela Rodrigues de Paula ativista e exemplo de luta pelos direitos das mulheres negras em nossa sociedade.

De início, pretendíamos entrevistar mais pessoas, contudo, tendo em vista o cronograma do projeto e os desafios das transcrições das entrevistas pelos estudantes, optamos por diminuir a quantidade de

⁴Burke, Peter. *Uma história social do conhecimento II: da enciclopédia à Wikipédia*. Tradução de Denise Bottmann. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2012.

entrevistados, mas sem com isso, prejudicar a proposta do trabalho com história oral. Entendemos que as narrativas são importantes formas de preservar e transmitir heranças indenitárias. Elas tornam possível um maior conhecimento sobre outros períodos históricos de forma a transportar o ouvinte para outras realidades e vivências por meio da voz de quem narra. São carregadas de experiências, relações sociais, simbolismo, imaginação e silenciamentos que também se fazem importantes. O não-dito é uma forma de expressão que vai além das palavras uma vez que nos revelam sentimentos, pontos de instabilidade e de dor.

Para Maurice Halbwachs, “a memória se constrói a partir das vivências de grupos sociais concretos”. As narrativas coletadas no presente trabalho permitiram importantes reflexões a respeito das situações vivenciadas por afro-brasileiros em nossa comunidade que viveram e sofreram as consequências diretas do racismo. Permitiram também a compreensão das mais variadas formas de resistência e ações afirmativas entre essas pessoas que buscaram no fortalecimento de suas raízes, no posicionamento e no desejo de alterar essa realidade de seu povo e seus descendentes.

A análise do material recolhido por meio da pesquisa de campo com formulários bem como da transcrição das entrevistas forneceu dados importantes para a seleção de temas a serem abordados das rodas de conversas, da escolha das pessoas da comunidade a serem convidadas para os eventos, e no acesso a informações sobre a forma como a escola, os estudantes e a comunidade compreendiam o racismo. Todo esse aprendizado por meio das ações do projeto de iniciação científica ofereceu subsídio para que os estudantes construíssem um folder com informações importantes sobre o racismo como definições, legislações além de pequenos trechos dos relatos de

experiência. Esse folder foi levado às escolas para serem utilizados pelos professores direcionando os estudos e diálogos com os estudantes.

2. O SILÊNCIO SOBRE O RACISMO DENTRO DAS ESCOLA TEM MUITO A NOS DIZER

Uma pauta delicada. Falar e calar são faces do mesmo dilema que, de um lado apresenta a negligência e de outro escancara a dificuldade e até mesmo, falta de letramento para tal. Quantas narrativas sobre racismo são ouvidas até o fim? Quantas vezes o assunto se faz presente na sala de aula, sem ser uma obrigatoriedade no mês de novembro ou um trabalho esporádico no mês de maio?

Saber do silêncio é possível principalmente quando se quebra ele. Em uma atividade escolar, que objetivava o diálogo, o debate e a construção de argumentação de forma crítica, foi levado para as salas de aula frases, imagens, reportagens, trechos de música, *memes* que reportavam ao racismo cotidiano em nossa sociedade. Os estudantes, em duplas ou trios, pegavam aleatoriamente no envelope um dos referidos documentos. Tinham um prazo para conversar entre eles a respeito e, depois, apresentavam para a turma o que tinha retirado no envelope, o que entenderam sobre aquilo e opiniões ou críticas a partir do recorte recebido. Durante 2 anos fazendo essa dinâmica, as narrativas, as experiências, as emoções, denúncias e discussões experimentadas a partir da atividade geraram um incômodo tão grande que levou a uma importante reflexão. É preciso falar sobre racismo nas escolas, mas é urgente ouvir e dar voz a comunidade escolar.

Dentre outros fatores, as reflexões sobre as falas e manifestações dos estudantes, somadas aos casos que constantemente se revelavam de racismo dentro do ambiente escolar, motivaram a escrita do projeto

que encontrou campo fértil na divulgação de edital para Iniciação Científica na Educação Básica pela Secretaria Estadual de educação de Minas Gerais (SEE/MG).

Buscou-se uma forma de estender os ouvidos à comunidade também e de encontrar numa memória coletiva e ancestral experiências relacionadas ao racismo ao longo dos anos e assim, promover a interação entre as falas dos mais velhos de forma a provocar e incentivar reflexões e falas entre os mais jovens. Tratando da importância do resgate da memória, Kabengele Munanga observou:

O resgate da memória coletiva e da história da comunidade negra não interessa apenas aos alunos de ascendência negra. Interessa também aos alunos de outras ascendências étnicas, principalmente branca, pois ao receber uma educação envenenada pelos preconceitos, eles também tiveram suas estruturas psíquicas afetadas. Além disso, essa memória não pertence somente aos negros. Ela pertence a todos, tendo em vista que a cultura da qual nos alimentamos quotidianamente é fruto de todos os segmentos étnicos que, apesar das condições desiguais nas quais se desenvolvem, contribuíram cada um de seu modo na formação da riqueza econômica e social e da identidade nacional. (Munanga, 2005, p.16)

Essa memória, da qual fala Munanga, que pertence e interessa a todos, pôde, por meio de ações do projeto, chegar às escolas. Não em forma de palestra, de ensinamento hierarquizado, mas em forma de diálogo, rodas de conversa, de análises e reflexões sobre as suas narrativas.

Figura 1: Realização de roda de conversa com a participação da mãe de santo Juliana Aparecida Benedito e a professora Daiane Oliveira.



Arquivo pessoal

Ouvir relatos de pessoas da comunidade, especialmente pessoas envolvidas com o movimento negro, contribuiu para o reconhecimento de novos lugares, de diferentes experiências e de identidade diferentes sujeitos. De acordo com Ana Célia da Silva,

A presença do Movimento Negro, nessa tarefa, recontando a história do negro na África e no Brasil, desde a formação de grupos organizados há séculos, reivindicando educação para os negros por meio de manifestos, teatro, música e ação sistemática junto aos órgãos de ensino, não pode ser esquecida. (Silva, 2005, p.33)

Os contatos entre diferentes grupos da comunidade, o ouvir e ser ouvido, abriu importantes espaços nas escolas. As rodas de conversas tornaram possível uma maior abertura ao diálogo incluindo professores afrodescendentes que usaram o espaço de fala para tratar dos desafios enfrentados por professores negros, especialmente em escolas tradicionais como a que abrigou este projeto. Também se faz importante mencionar falas que sobre racismo reverso, marcadas pelo racismo estrutural, que apresentaram o quanto o letramento racial e os

programas de formação docente na perspectiva das relações étnico-raciais se fazem necessários e urgentes.

2.1 Como a Iniciação Científica pode abrir espaço para o antirracismo

O projeto de Iniciação Científica na Educação Básica, dentro do programa ICEB, envolveu diretamente como pesquisadores 13 estudantes do Ensino Médio e a adesão ao projeto foi livre. Iniciado em 2021, foi ofertado nos grupos de *whatsapp* das salas já que estávamos ainda no contexto da pandemia de COVID-19. O fato de ser de adesão voluntária fez com que se inscrevessem no programa estudantes que possuíam algum interesse em trabalhar com a temática. Com o retorno gradativo às aulas presenciais as primeiras reuniões na escola começaram a acontecer e nos diálogos sobre as questões que norteavam o projeto foi possível compreender que muitos estudantes careciam ainda de mais informações, leituras e conhecimento sobre o racismo e foi muito importante o grande interesse destes para que de fato essa busca fosse exitosa.

Nos primeiros encontros, foram realizadas leituras, debates sobre textos, vídeos e reportagens. O grupo recebeu líderes de movimentos negros da comunidade para dialogar e partilhar conhecimentos e quando os estudantes se sentiram mais confortáveis para falar do assunto e levar o diálogo para outros espaços, investimos nas visitas nas salas de aula da escola de origem e de demais escolas da cidade. Nessas ações, foi possível visitar 6 das 7 escolas de Ensino Fundamental 2 e Ensino Médio da cidade, sendo 2 delas instituições privadas.

Nas visitas, primeiro com a pesquisa de opinião por meio de formulários e depois através de promoção de rodas de conversa, foi possível observar a forma como criou-se uma identidade entre

estudantes de diversas escolas com os membros do grupo de pesquisa. Gradativamente, observou-se que a acolhida na escola de origem foi sendo maior, a partir de cada apresentação do projeto, das visitas às salas de aula, da interação do grupo na instituição. Não demorou para que estudantes começassem a se disponibilizarem como voluntários no projeto fortalecendo e confirmando a visibilidade que o projeto estava ganhando.

Nas reuniões, os estudantes se agrupavam, primeiro para analisar e classificar as respostas dos formulários, além de registrar as sugestões de ações recebidas dos demais estudantes. Nesse processo, depararam-se muitas vezes com relatos de racismo vivenciados por estudantes que não se furtaram em deixar registrada a sua dor. Buscaram formas de fazer com que as sugestões e demais questionamentos apontados fossem levados em formas de perguntas em questionários estruturados aos entrevistados na comunidade.

A transcrição das entrevistas, a elaboração do folder e demais organização de eventos levaram os estudantes a vivenciarem e aprenderem sobre normas da ABNT, metodologia de trabalho com história oral e produção de textos científicos. Ao mesmo tempo em que aprendiam sobre normas técnicas e aprimoravam na produção textual, os estudantes reforçavam o aprendizado e desenvolviam ações antirracistas na escola.

As etapas do projeto foram revelando maior autonomia, criticidade e responsabilidade aos estudantes pesquisadores. Passaram a definir os usos das verbas recebidas pelo projeto, discutiam pontos importantes de investimento. Escolheram uma bibliografia afro indígena⁵

⁵ Racismo estrutural de Silvio Almeida; Pequeno manual antirracista de Djamila Ribeiro; Quando me descobri negra de Bianca Santana; Mulheres, raça e classe, de Angela Davis; O imenso azul entre nós, de Ayesha Harruba Attah; Pele negra, máscaras brancas.

para a biblioteca da escola, divulgaram a bibliografia e indicaram-na para o clube do livro.

Os relatórios produzidos, banners e folders foram apresentados em Feiras de iniciação científica como a FECITEC (Feira de Ciência, Tecnologia, educação e Cultura) da Universidade federal de Viçosa e a FEMIC (Feira Mineira de Iniciação Científica). Na primeira, o projeto ficou em 2º lugar em Ciências Humanas, além de destaque por criatividade e inovação e Clareza e objetividade. Na segunda, os estudantes foram premiados com credenciais para a participação na MCTEA (Mostra de Ciência e Tecnologia na Escola Açai) no Pará.

Frantz Fanon; O sol é para todos. Harper Lee; *Olhos d'água. Conceição Evaristo; Memórias da Plantação: Episódios de Racismo Cotidiano, de Grada Kilomba; Na Minha Pele, de Lázaro Ramos; Salvar o Fogo, de Itamar Viera Junior; Você não é invisível, de Lázaro Ramos; A outra garota negra, de Zakiya Dalila Harris; A garota que não se calou, de Abílio Daré; Americanah, de Chimamanda Ngozi Adichie; Torto Arado, de Itamar Vieira Junior; A primeira estrela que vejo é a estrela do meu desejo, de Daniel Munduruku.

Figura 2: Apresentação do projeto na FECITEC-UFV



Arquivo pessoal

Esses eventos permitiram que os estudantes vivenciassem a experiência de apresentar seus trabalhos aos seus pares e conhecerem mais sobre outros projetos desenvolvidos em instituições de educação básica. Seguindo essa experiência com projeto de pesquisa, produção de textos acadêmicos, ao final do projeto os estudantes aprenderam a produzir os seus currículos lattes e puderam inserir suas produções e certificados compreendendo a abrangência da plataforma.

Em termos práticos, é possível afirmar que, para além de toda a interação e dos retornos obtidos como resultados das ações do projeto na escola, a aprovação de outro projeto de continuidade a essas ações na escola, e a adesão de outros estudantes nessa nova edição do projeto, são importantes demonstrações de que a escola está aberta à

iniciação científica e que ao abordar a questão racial no Brasil, o movimento antirracista tem muito a crescer dentro das escolas e alcançar importantes espaços em nossa sociedade.

CONCLUSÃO

O presente trabalho reflete não apenas as realizações já alcançadas, mas também a perspectiva de continuidade e crescimento das ações antirracistas na cidade de Oliveira. As ações implementadas tiveram um impacto positivo notável na sociedade e nas escolas, permitindo uma compreensão mais profunda da questão do racismo entre os estudantes e evidenciando transformações significativas no pensamento e nas ações relacionadas a essa temática.

Um dos principais legados do projeto é a promoção de um ambiente propício ao diálogo e à reflexão sobre o racismo, particularmente no ambiente escolar. Este foi um marco importante, uma vez que rompeu com o silêncio que muitas vezes cercava o assunto nas instituições de ensino.

Além disso, a produção de material de divulgação e do folder representa um passo estratégico para a continuidade das ações antirracistas nas escolas da cidade de Oliveira. Esses recursos não apenas sensibilizam a comunidade escolar, mas também fornecem ferramentas práticas e acessíveis para promover a conscientização e o combate ao racismo. Eles servirão como guias valiosos e inspiradores para futuras iniciativas.

Outro aspecto importante a considerar é a crescente aproximação do projeto com outros grupos antirracistas da cidade, como o "Encontro de Cultura Afro", um grupo consolidado que tem promovido importantes movimentos sociais na região. Essa colaboração

representa uma oportunidade para compartilhar conhecimentos, recursos e ampliar o alcance das ações antirracistas em Oliveira.

Por fim, destaca-se a maior abertura entre os jovens para abordar a temática do racismo na Escola de origem do projeto. A mudança de mentalidade e a disposição para discutir questões relacionadas à igualdade racial são indicativos de que o projeto não apenas sensibilizou, mas também capacitou a próxima geração de cidadãos a enfrentar o racismo de maneira mais eficaz.

Ao identificar as carências educacionais em relação à questão racial no Brasil, compreendemos a urgência de pesquisas como a que aqui apresentamos. Este projeto é o resultado de um esforço coletivo com o propósito de provocar mudanças substanciais na sociedade, a partir da base da educação. Reconhecemos que os jovens de hoje serão os adultos do amanhã, com o poder de escrever uma nova narrativa sobre as relações étnico-raciais em nossa sociedade.

O projeto "Memórias ancestrais e diálogos no presente" é, portanto, uma iniciativa significativa que não apenas atendeu aos seus objetivos, mas também estabeleceu as bases para uma transformação mais profunda na educação e na sociedade, ao dar voz às experiências ancestrais e promover diálogos e reflexões que contribuíram para a construção de uma sociedade mais inclusiva e igualitária.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Silvio. **Racismo estrutural**. São Paulo: Editora Jandaíra, 2021.
BENJAMIN, Walter. **O anjo da história**. Belo Horizonte: Autêntica Editora;2012.

BRASIL. Lei nº 10.639, de 9 de janeiro de 2003. Altera a lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996, que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional, para incluir no currículo oficial da rede de ensino a

obrigatoriedade da temática “História e Cultura Afro-brasileira.

Disponível em:

http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/2003/l10.639.htm Acesso em: 20/02/2024.

BURKE, Peter. **Uma história social do conhecimento II**: da enciclopédia à Wikipédia. Tradução de Denise Bottmann. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2012.

CARVALHO, José Murilo de. **Cidadania no Brasil**: o longo caminho. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2001.

GOMES, Nilma Lino. **A questão racial na escola**: desafios colocados pela implementação da Lei 10.639/03. In: MOREIRA, Antônio Flávio; CANDAU, Vera Maria Candau (Orgs.). Multiculturalismo: diferenças culturais e práticas pedagógicas. 2. ed. Petrópolis: Vozes, 2008.

HALBWACHS, Maurice. **A memória coletiva**. São Paulo: Vértice, 1990.
MUNANGA, KABENGELE (org.) **Superando o racismo na escola**. Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade, 2005.

RIBEIRO, Djamila. **Pequeno manual antirracista**. São Paulo: Companhia das Letras, 2019.

ENTREVISTAS

SALVADOR, Jaílson: depoimento [janeiro 2022]. Entrevistadoras Lavínia Lara Ferreira de Moraes, Beatriz Vitória Sousa. Vídeo mp4. Duração: 1:03.

SILVA, Maria Aparecida: depoimento [janeiro 2022]. Entrevistadoras: Grazielle Beatriz Cândido, Ana Júlia Almeida e Viviane Reis Soares. Vídeo mp4. Duração 1:10m.

PAULA, Rafaela Rodrigues de: Depoimento [fevereiro 2022] Entrevistadoras Lavínia Lara Ferreira, Beatriz Vitória de Sousa. Vídeo mp4. Duração: 1:03h.

BENEDITA, Juliana Aparecida. Depoimento [fevereiro 2022].
Entrevistadoras: Grazielle Beatriz Cândido, Ana Júlia Almeida. Vídeo
mp4. Duração 1:14h.

Esta publicação deverá ser citada da seguinte forma:

SOARES, V. dos R.; EVANGELISTA, F. antirracismo na educação: relato de
experiência com projeto de iniciação científica na educação básica.
Revista DisSol – Discurso, Sociedade e Linguagem, Pouso Alegre/MG, ano
9, n.º 20, jan-jun/2024, p. 195-212.